

## O EXILADO E O LUGAR DA “*POSIÇÃO TERCEIRA*” NA SUA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA<sup>1</sup>

Ivonita Trindade-Salavert\*

Não Sei Se é Sonho

*Não sei se é sonho, se é realidade,  
Se uma mistura de sonho e vida,  
Aquela terra de suavidade  
Que na ilha extrema do sul se olvida.  
É a que ansiamos. Ali, ali  
Á vida é jovem e o amor sorrir.  
(...)  
Mas já sonhada se desvirtua,  
Só de pensá-la cansou pensar,  
Sob os palmares, à luz da lua,  
Sente-se o frio de haver luar.  
Ah, nessa terra também, também  
O mal não cessa, não dura o bem.  
Fernando Pessoa (31.08.1933)*

Parece ser agora o tempo de sonhar e de partir. De reinventar por vezes uma vida sombreada de vazios, onde a busca de sentido se faz presente nos entremeados dos ideais com as ilusões. O exílio escolhido. O lugar nascido do encontro entre sonho e realidade.

Como psicanalista, dedicamos ultimamente um interesse particular pela clínica da adoção e dos exilados em Paris. Todavia nesse tra-

---

<sup>1</sup> Tradução e adaptação do trabalho apresentado no Colóquio Internacional *Dynamiques Sociales et Expériences Subjectives* promovido pela Universidade de Paris 7 – Diderot – “Laboratoire de Changement Social”- em homenagem a psicóloga social clínica, Jacqueline BARUS-MICHEL, em 7/8 de dezembro de 2007. Título original: *La Place du Tier dans la Construction Identitaire*. O *tier*, traduzido aqui como “posição terceira”, é um conceito psicanalítico que evoca a representação paterna, organizadora dos afetos e desejos do sujeito.

\* Psicanalista e participante do IV Grupo (Organização Psicanalítica de Língua Francesa), Pesquisadora Convidada da Universidade de Paris 7. Membro do CIRFIP (Centro Internacional de Pesquisa Formação e Intervenção em Psicossociologia) Paris.

balho, discorreremos tão-somente algumas linhas sobre a questão do exílio, e em particular, sobre o exílio que, distante de razões políticas, econômicas ou étnicas, se faz acontecer. A nossa prática vem demonstrando que, os exilados por escolha, exprimem freqüentemente, de forma particular, seus projetos de vida, paradoxos, interdições e sofrimentos identitários, dignos de uma maior atenção. Gostaríamos ainda de realçar que nossos estudos se distanciam das influências da mundialização no itinerário de jovens atraídos por um mercado estrangeiro que acena para um progresso profissional com segurança, entretanto, os fenômenos que iremos abaixo analisar, podem igualmente fazer parte de muitas das dificuldades vividas por essa camada social.

Freud dizia que "quando falamos, falamos sempre de nós mesmos", daí certamente a origem da nossa motivação por um mergulho interno que, no seu emergir, pode escorar um "outro" e, portanto, um trabalho de criação em que teoria e prática se conjugam. O exílio escolhido é aquele das pessoas que sentem a necessidade de romper com um mundo, um meio social, familiar, no qual ou através do qual não mais se reconhecem. O sentimento de busca das suas verdade em um lugar distante os invade então. Todavia se, por um lado, a construção dos vínculos afetivos e sociais para os exilados, em geral, vêm a ser sempre um desafio que os remetem ao arcaico de si mesmos, por outro lado, "as formas modernas de patologias psíquicas, apontam para as dificuldades de interação das pulsões no espaço psíquico e no espaço social" (KAËS, 2004) as quais remetem o humano a um estado mais primitivo.

Falar de exílio é, portanto, de alguma forma, falar da história da psicanálise. Freud, o exilado, nos encoraja ainda hoje a ir mais longe na compreensão da sua "herança". Assim; o "estrangeiro", o "exterior", o "mau", o "inimigo", o "ódio", todas as suas idéias tratadas em *Pulsões e Destino das Pulsões* (1915), parecem-nos retornar na sociedade atual, com um pouco mais de força e de sentido.

Lia Tourn assinala que: "o exílio imposto leva por vezes a modificações subjetivas de uma tal importância e profundidade, que a integridade psíquica do sujeito pode se encontrar em perigo" (TOURN, 2003, p. 19). Em todo caso, inclusive no que se refere ao exílio, o mais voluntário possível, a demanda de liberdade e a busca de um "exterior", são sempre preenchidas de emoções contraditórias. Carregando a dor, o sofrimento e a ilusão de levar consigo "a verdadeira pátria", na

denegação<sup>2</sup>, no lamento ou no arrependimento, o exilado quebra, de uma forma ou de outra, seu sentimento de continuidade identitária. Dividido assim entre um aqui e um “lá longe”, passa então por diferentes etapas. De início, a euforia da chegada, a idealização do país que o acolheu, depois vem o tempo do recuo, do retraimento, do silêncio, da agressividade ou da depressão.

Entretanto, o exílio escolhido, implica sempre uma violência anterior. Falta de lugar, real ou simbólico? Interiorização de uma ausência de reconhecimento? Exclusão, expulsão real ou imaginária? Abandono real ou fantasmático? Enfim, tormentos de um « antes » que pode acordar sentimentos persecutórios, despertando ainda o desconhecido, o imperceptível, o irrepresentável, presentes em cada um de nós. Segundo Enriquez, “o estrangeiro desperta questões em relação as nossas certezas” (1998, p. 40). Acrescentamos então, o papel daquele que vai escolher um exílio na “nebulosidade”, na incerteza, desperta questões em relação à loucura que cada um, de alguma forma, carrega consigo. Um dia um dos nossos pacientes falou:

deixei o meu país feliz, em meio a uma inconseqüência terrível, espantosa, de um dia para outro. Era como se quisesse abandonar tudo, dar, perder. Não queria ter nada, ser nada, não parecer com ninguém.

Interpretamos que provavelmente gostaria de se livrar da sua própria história. A segunda geração dos exilados não está ileso das conseqüências desses distúrbios vividos um dia no seio da própria família. Mesmo no caso de conseguirem uma boa integração social, a palavra “perda”, os traços do “objeto perdido” ou ainda, os resquícios da “exclusão” e da “morte” podem atravessar várias gerações. Assim, a relação imaginária com a estranheza, a extravagância, a singularidade e a hostilidade, podem “reeditar” rupturas antigas, arcaicas, jamais verdadeiramente bem elaboradas, nas “pré-histórias de famílias” (MIJOLLA, 2004).

---

<sup>2</sup> Ação psíquica que consiste em rejeitar a realidade de uma percepção traumática como impensável. Resultado da divisão do EU, podendo mesmo produzir doença mental. Justaposição possível no psiquismo de no mínimo duas disposições mental incompatíveis, uma sem aparente influência sobre a outra. Diferente de negação.

## **Uma forma possível de análise do fenômeno**

Procuramos aqui analisar o exílio escolhido, enquanto experiência individual e coletiva, dentro de uma interface que talvez pudéssemos nomear de psicanalítica e sociológica. Psicossociológica? Partimos do princípio que, desde que certas ilusões garantem o pertencer às "unidades sociais" (BARUS-MICHEL, 1987) em um país de origem, entram em falência e, na medida que essas desilusões "fazem eco" nas fragilidades identitárias de uma família, o indivíduo se volta para "um exterior". A família como unidade social primeira, vista como uma das fundadoras do sujeito do inconsciente e do sujeito social, entra conseqüentemente, no cerne da questão. Assim, desestabilizado nas bases dos seus ideais, o indivíduo pode correr o risco de, em se voltando para "um fora", desencadear um contínuo movimento errante, onde partidas repetidas escoradas na incerteza escondem, sobretudo, um sofrimento sem nome e conflitos imperceptíveis, ou irrepresentáveis. Essa fuga a um destino bem determinado ou pré-fixado nos parece ser de mais a mais freqüente na contemporaneidade. Logo, fuga como sintoma coletivo e/ou individual, em que a perda da coerência de um conjunto, ou de referenciais simbólicos sólidos, suscitam a busca desenfreada do preenchimento de um vazio.

Portanto, se de um lado, as "unidades sociais" tendem a aprisionar os indivíduos em suas caixas de gestão e de controle, por outro lado, as estruturas e referências familiares se diluem e seus membros se seguem lado a lado, ou se aproximam entre si, numa interação humana que lembra tão-somente simples relações mundanas. O exilado, uma vez desenraizado, fica à espera da construção de vínculos afetivos sólidos, de reconhecimento, de um lugar assegurado, enfim, da possibilidade de se exprimir e de ser escutado. Todavia, quase sempre, faltam-lhe as condições psíquicas necessárias para a conquista de tais ideais.

Não posso me permitir ser tratado dessa maneira. Fui educado de outra forma, para mim isto é uma falta de respeito, fico portanto no meu canto, não quero mais vê-lo....(reação de um paciente a uma conduta de alguém, de ordem puramente cultural)

Tendo caído, portanto, nas armadilhas de um "imaginário enganador" (*imaginaire leurrant*) Enriquez (1971), sua organização de

vida passa a se delinear como se seus processos de identificação secundária<sup>3</sup> estivessem provisoriamente interrompidos.

Sou de origem francesa. Meu bisavô foi um herói na guerra de 14, a França me deve qualquer coisa, não? mas de fato estou pouco me lixando para os franceses....

Preso, portanto, em um delírio de origem, parecia ter parado no tempo abalado por uma alienação<sup>4</sup> psíquica profunda; alienação do próprio pensamento a uma origem que o desvitalizava. Piera Aulagnier dizia que o processo de alienação do próprio pensamento

“...implica em primeiro lugar no desinvestimento do próprio projeto e dos ideais identificatórios, o que conduz inevitavelmente ao desinvestimento do tempo futuro, em proveito de uma idealização maciça de um projeto supostamente já realizado pelo outro...”.<sup>5</sup>

Aulagnier isolou uma patologia particular aos investimentos psíquicos, que não pertencem nem ao registro da neurose nem ao registro da psicose. E nessa linha das psicopatologias da alienação psíquica referiu que: a alienação visa à redução ao mínimo de conflitos e sofrimento psíquicos vivido pelo EU<sup>6</sup> (logo, fenômeno da ordem do inconsciente).

---

<sup>3</sup> “A identificação é a forma mais precoce, a mais primitiva do vínculo afetivo” Freud (1981, p. 167), vínculo primeiramente construído com a mãe que permite ao Eu de se apropriar das qualidades do objeto amado ou odiado. Dessa forma, através da identificação primária, onde a origem se encontra na indiferenciação fusional com a mãe, o sujeito não cessará jamais de se identificar ao nível secundário durante todo o seu percurso de vida. Dito de outra maneira, a identificação leva o sujeito a incorporar um outro Eu como sendo seu: do reflexo especular às escolhas identificatórias ulteriores, chamadas de secundárias, graças as quais suas relações com o outro tornam-se “dialelizáveis”. Assim, em um segundo tempo, será subordinado a outros indivíduos e grupos de coexistência e de inserção social, que marcaram seus princípios de conduta e seus valores. Portanto, outros “pais” serão os vetores da sua existência.

<sup>4</sup> O conceito de alienação aqui é utilizado diferente daquele utilizado por Karl Marx. Trata-mos da alienação psíquica (do pensamento) embora o objeto escolhido possa vir a ser também uma ideologia. Pode ser ainda a figura de uma pessoa, um chefe, uma seita mortífera, etc.

<sup>5</sup> AULAGNIER, P. (1985) p.13.

<sup>6</sup> Idem, ibidem, p.36.

Jacqueline BARUS-MICHEL, psicóloga social clínica e grande especialista francesa em crise e sofrimento social, refere-se a três formas de vínculos afetivos: necessidade, sentimento e constrangimento, conceitos que nos ajudaram a observar as formas como os vínculos dessa categoria de exilado se constroem, com seus paradoxos, interdições e sofrimentos identitários.

*O Vínculo de Necessidade* “ a situação (do humano) é comparável àquela do recém-nascido, na qual o ser fica dividido entre a impotência e a onipotência: é prisioneiro de uma realidade que existe independente dele, mas essa ao mesmo tempo, se torna formas de obstáculos que serão colocados à disposição de suas necessidades; por vezes sua inventividade, sua capacidade imaginária lhes abrem possibilidades que o podem levar a sonhar sem limites.”<sup>7</sup> Assim, esse vínculo se constitui uma fonte de paradoxos, porque, no sofrimento do desraizamento, o exilado pode se deixar cair em uma armadilha “infantilizante”. Dito de outra maneira, devido a seus sentimentos nostálgicos, tende a supervalorizar o aprisionamento dessa realidade, na qual não é nada ou não se sente nada, nem pode interferir.

Não tenho nem coragem de dizer que não sei se quero ou se não quero. Não entendo jamais. Tudo é muito difícil a meu ver e tenho o sentimento de dar voltas em torno de mim mesmo. Mas veja, isto é um absurdo, o que é isto? Qual é a lógica disso?... !

A confrontação com sistemas de representações sociais e institucionais que vão sendo descobertas pouco a pouco, lentamente, vão enfraquecendo suas possibilidades diante de uma coletividade, participar de uma divisão de tarefas, guiada por uma distribuição de benefícios com os outros. Do ponto de vista de uma realidade externa, nos contrastes de representações sociais de dois países distintos, passa ainda a ser com frequência, objeto de desconfiança, de crítica, etc. A partir daí, o aumento das raízes da sua des-inserção social emergem, devido à confluência entre a violência, o luto e a falta de apoio dentro de um grupo que possa permitir uma mediação na sua situação pessoal. Aqui podemos perfeitamente fazer uma distinção marcante, tendo em vista as características culturais do país de acolhimento e, ainda, as distinções

---

<sup>7</sup> BARUS-MICHEL, J. p.89

ligadas a diferentes classes sociais. Umas, mais abertas que outras, etc. No caso de cair em um meio mais fechado, existirá ainda mais acentuada, a “tendência à repetição dos seus fracassos que o manterá em uma atitude de queixa melancólica e agressiva em relação ao meio que o acolheu, o qual é vivido como hostil e como deslocamento da perseguição passada.”(TORN, 2003, p. 22). Exemplo de fragmentos de um discurso de segunda geração:

vou quebrar a cara daquele professor porque tenho certeza que é xenófobo. Um dia minha mãe me contou uma experiência que teve ao chegar aqui terrível. Estava eu naquela época com três anos...

Portanto, como no exílio o rompimento do tempo e do espaço vivido desencadeia, no “sujeito social”, dificuldades suplementares, no exilado, por escolha, a mistura entre o fora e o dentro pode o fixar em uma dimensão imaginária, onde a impossibilidade do ser escutado ou compreendido pelo outro venha a ser uma constante. Entretanto, é o investimento da descoberta do sentido mais arcaico da sua partida, que se constituirá uma das portas de saída. Assim, outros atalhos da história se farão dia, perante o contato com essa filiação primeira, abatida, desfalecida ou quebrada, onde a cadeia do narcisismo “intergeracional”<sup>8</sup> foi interrompida.

A filiação implica o produto no mínimo de três gerações sucessivas, reconhecidas como tais e com uma referência comum a um mito fundador. A esta dupla condição cada um pode se situar dentro de um conjunto de “sujeitos” e se reconhecer como tendo sido originado (causado) e capaz de dar origem (de causar)<sup>9</sup> (KAËS, 2000, p. 4)

Conseqüentemente, é a criação no exilado de novas referências e, a re-criação de um mito que o sustente ou o determine, que vai

---

<sup>8</sup> Intergeneracional: conceito psicanalítico que permite o reconhecimento de modalidades de conflitos que coloca o ser humano em relação com as gerações que precederam a seu nascimento. Aconselha-se que o conceito não seja utilizado como adjetivo, na medida que seu acesso liga-se à própria metodologia psicanalítica. Portanto, temos aqui a presença de representações provenientes de um “outro” que participa desde o início com seu próprio psiquismo inconsciente, à construção do aparelho psíquico do sujeito. (*Dictionnaire International de la Psychanalyse* – Direction de Alain de Mijolla, Ed. Hachette Littératures, 2002)

<sup>9</sup> Parênteses da tradução, para poder aqui preservar o eixo da filiação adotiva.

reformular suas ficções *filiativas*. Em as reformulando, essas ficções fornecerão as condições simbólicas para o seu interagir, pertencer a um grupo, para se integrar e caminhar em direção a um novo processo de reconhecimento mútuo, capaz portanto de se afiliar a..., de se integrar socialmente.

Em relação ao grupo-família, Kaës fazendo referência a *Langue* salientou:

*no grupo familiar, o fantasma que sustenta as representações de todos, é endogâmico ou "parthénogénique", em todo caso "narcísico", de uma família unicelular plana (protiste pleine), da qual não podemos nós desligar para ir ao mundo e ao "Outro", sem colocar em perigo, os conteúdos e os recipientes encaixados (KAËS, 2003, p. 3).*

O exilado, que é atraído pelo desconhecido, exprime o "real" (Lacan), que coloca em perigo os conteúdos e os recipientes encaixados, dentro da catástrofe narcísica da separação com o "objeto perdido" (a família como objeto). O risco de ter o desenvolvimento do ódio, entre as gerações, causa desordem interna e externa ao *sujeito*. Dessa forma, a lei da cultura e do meio social vai ser vivida como ameaçadora e insuportável, aspecto que será aprofundado mais adiante.

O Vínculo de Sentimento são os afetos que suscita o semelhante, tão forte quanto ambivalente. Como assinala Barus-Michel: "o amor e a fusão se avizinham ao ódio e a destruição, e as propostas sociais induzem a um eterno movimento de união e desunião"<sup>10</sup>. Os exilados recebem preferencialmente as pulsões do ódio (disfarçadas ou não), e não são de início os beneficiários de uma solidariedade do grupo. Desse feito, experimentam a perda do sentimento familiar, e seus referenciais identitários são colocados em questão. Com frequência, a presença desses fenômenos alimenta um sentimento de violência difusa, sem nome, porém passível também de desencadear, como reação, a busca de recursos sólidos. Portanto, é exatamente através do vínculo de sentimento que, quando guiados pela pulsão de vida, as vias sublimatórias que dela decorrem, irão fortalecer as defesas do Eu, possibilitando a vivência da ambivalência afetiva sem dramatização dos

---

<sup>10</sup> BARUS-MICHEL, *ibidem*, p. 90.



seus efeitos. O recuo diante das patologias dos vínculos torna-se a consequência. A inserção social, nesses casos, se instala com o tempo. Todavia, quando guiados pela pulsão de morte, a variedade de opções compensatórias e ou desequilíbrios, se caracterizarão em função da estrutura de personalidade de cada um, no recurso às drogas, na recorrência a seitas, vadiagem, delírios de fundo de origem, etc.

Gostaríamos, porém, de levantar as seguintes questões: Existiria um eixo comum no dinamismo psíquico daqueles que se exilam por escolha, sem um motivo aparente? Que causas internas poderiam, de alguma maneira, facilitar seus processos de integração, filiação e afiliação? Acreditamos que entramos agora na área da retomada ou da busca do sentido desse fenômeno.

André Green, ao salientar as idéias de B. Juilerat sobre os mitos e os ritos, chama a atenção para a hierarquia do sentido e, indo mais além, para a hierarquia do significante. A motivação ante o desconhecido ou a uma partida em direção ao incerto não será jamais um caminho linear nem um resultado único, entre causa e efeito. Mesmo porque, a hierarquia do sentido vai estar ligada, de uma certa forma, a dois processos diferentes:

- o da produção mítica que sai do inconsciente, transita por um saber secreto e termina sua trajetória em uma narração pública, ou
- numa interpretação mitológica, a qual caminha inversamente: parte da narração pública, faz uma etapa no saber secreto, para terminar no inconsciente. O inconsciente está situado no plano do significante, da mesma forma que o segredo está situado no plano da representação e enfim da história no nível que lhe é próprio: a narração (JUILLERATE, 1991, p. 16-17).

Green salienta assim que, a partir da referência do saber secreto, Juilerat abre na antropologia a dimensão transicional. “O segredo é o que está escondido, porém consciente; desconhecido, contudo, através do seu simbolismo inconsciente, onde é significante”<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Ibidem p. 17

Portanto, é essa dimensão transicional do segredo que modifica as "organizações significantes" e que nos processos de rupturas com esta organização, pode colocar em evidência as expressões do inconsciente, quer dizer, o significante. De fato, gostaríamos simplesmente de assinalar que os processos sublimatórios não são sempre evidentes e que, mesmo quando as afiliações dos exilados podem se construir (quer dizer, inserção social, divisão de tarefas com o outro, pertencimento institucional, etc.), a filiação no nível simbólico e a construção de fronteiras entre seus territórios internos-externos se faz pouco a pouco, lentamente, no tempo, juntamente com todas as ambigüidades de idas e vindas, diante da reconstrução de um reconhecimento mútuo com o *outro*.

Não sei por que não consigo trabalho, quando tenho tudo para conseguir. No meu país sempre tive bons empregos e era remunerada de forma excepcional. Ao mesmo tempo não tenho com quem deixar as crianças aqui. Meu marido tem dinheiro, quer me ajudar a colocar um negócio, porém tudo me pára. Sinto-me sem pátria. Agora não me sinto mais sendo nem de lá, nem me sinto sendo daqui (em sonhos traz seu desejo de fugir de um perigo, da mãe castradora e manipuladora, a qual deixou de trabalhar para cuidar dos filhos).

Em relação ao vínculo de sentimento, gostaríamos enfim de assinalar primeiramente que, do nosso ponto de vista, para os exilados, os vieses sublimatórios se instalam somente diante da possibilidade de simbolização das representações sociais que os estigmatizam. Portanto, somente uma busca introspectiva, que possa trazer o sentido ou o contato, com as manifestações dos significantes que deram origem a suas rupturas, podem sedimentar essas vias sublimatórias. Em segundo lugar, que é a conseqüência desse processo de simbolização que abrirá as portas à identificação com esse outro meio, onde poderá reconstruir seu pertencimento com "pertinência".

João está na França ha mais de vinte e cinco anos, virou francês. Casou com uma profissional modesta e vai levando. Tem uma inteligência excepcional. No Brasil foi tradutor de autores célebres e é muito conhecido. Mas sabe como é, a dificuldade de encontrar emprego aqui é grande. Vive de bico, passa

o dia ouvindo música brasileira. É um grande crítico no assunto. Tenho medo de ficar como ele.

A pertinência de João jamais foi desencadeada. Se pertencemos a um país sem estar com ele identificado, podemos até, por vezes, nos afiliar a uma instituição, entretanto sem “pertinência”. Pertencer sem pertinência significa estar às margens do processo identificatório com o outro, como o meio social. Existe, nesse caso, uma ausência de engajamento em relação ao tempo, a história e ao futuro. Dito de outra maneira, é estar “presente na ausência”, guiado por um movimento individualista patológico. A pertinência nesse sentido, é o fruto de identificações múltiplas e sólidas; é a manifestação de processos sublimatórios que, apoiados em mitos e em um “pai simbólico”, cria a raiz primeira da estruturação da filiação. “Não tenho a menor idéia do que quero ser ou fazer aqui. Não penso no meu amanhã, vivo somente o meu agora como posso.”

Arriscaríamos dizer que nos confrontamos nesse exemplo com uma patologia identificatória. Aulagnier, discorrendo sobre a identificação ao projeto do EU(Je), explica que se trata do “surgir no “sujeito” o primeiro anunciado identificatório – quando for grande serei ... - o que é sinal da sua entrada na ordem da temporalidade, tornando explícito para si mesmo, sua demanda e sua promessa identificatória” (AULAGNIER, 1086, p. 167). A partir da regressão escorada no vínculo da necessidade, o exilado infantilizado, pode parar em um “tempo imaginário”, negando-se a dar continuidade ao projeto do EU (*Je*).

O Vínculo de Constrangimento (*contrainte*). Barus-Michel, fazendo referência a « La Boétie » assim como à teoria freudiana, diz muito bem em que o vínculo de constrangimento pode ter uma semelhança com o vínculo de sentimento: “o constrangimento pode ser desejado, a servitude voluntária e o chefe, objeto de amor”. (BARUS-MICHEL, 2007, p, 100). Compreendemos assim a força e a importância da lei, das regras, logo, da dimensão do poder, que procede do pai do ponto de vista simbólico, suporte este dos processos identificatórios e fundamento do vínculo social. No exilado, porém por escolha, o vínculo de constrangimento pode ser vivido de início de forma bastante ameaçadora, mas, como mediar os impasses de uma realidade que se impõe e que está fora do sujeito? Qualquer cultura, qualquer civilização é marcada por códigos e

normas em constante movimento, regidas pela força daqueles que, sentindo e vivendo a cultura como sua, podem nela interferir, dialetizando-a.

Ontem vinha um pouco tarde no metrô, quando um rapaz de x país, que estava em face de mim, de repente colocou a mão entre as minhas coxas; dei-lhe uma tapa e nada entendi. No dia seguinte a professora explicou que o desencadeador desse comportamento foi o fato de ter retocado meu batom diante dele. Na cultura desse homem, as prostitutas convidam parceiros dessa maneira.

Ocorrência grotesca e engraçada, que registra apenas a prisão de um estrangeiro a sua própria cultura e a indisponibilidade de querer pelo menos observar ou entender, os códigos culturais de um outro país, mesmo que não fosse um exilado. Kaës refere que o "mundo moderno nos confronta com um conjunto de turbulências que afetam as funções do intermediário no campo da vida social e da cultura" (KAËS, 2000, p15-32). Assim, o homem movido pelo reforço de uma racionalidade cega na busca de causa e efeito, prende-se a significações imaginárias complexas, ligadas a "lugar simbólico", *status* e missões idealizadas, misturando princípio de realidade e princípio de prazer. Em consequência, a onipotência diante da lei que se cria, vai remeter tão-somente a formas modernas de patologias, resultado das falhas nos processos de apoio às perturbações da continuidade e das fronteiras de si mesmo. Uma "postura terceira" (*un tiers*) pode ser exercida por um interpretante, o qual pode ser uma ação, uma experiência, uma qualidade de sentimento; ou ainda, o analista, um indivíduo, um grupo. Sua função principal vai ser de mediador. De mediar os processos primários e secundários, através de uma linguagem, que terá um potencial elaborativo. Dessa forma, as figuras de mediação transicional poderão assegurar o amor, a solidariedade e permitir ao exilado de dirigir um olhar diferente para o mundo que o cerca, internalizando a lei da cultura e desenvolvendo o desejo de filiação.

As figuras de mediação têm sempre um poder, enquanto modelos identificatórios, de facilitar os pertencimentos sociais e institucionais dos exilados (as afiliações). Através do seu potencial para facilitar a simbolização, podem estimular o desejo do exilado de existir dentro

de uma cadeia que os ultrapassam e que os façam renascer. Assim, o sujeito social vai pertencer com pertinência, porque se tornou o filho de um tempo, de um meio, de uma história e de uma cultura por adoção. Pertencer ainda pode assegurar uma herança de princípios, de valores, de ideais, de um sistema de pensamento, em constante evolução.

Se compartilharmos com as idéias de Wladimir Granoff, poderemos considerar que “uma herança para aqueles que guardam um patrimônio, pode ser explorada dentro de uma política de locatário ou de proprietário” (GRANOFF, 2001) Se o herdeiro assume a posição de locatário de um patrimônio simbólico, vai poder se conservar sempre vivo, criativo. Entretanto, ao contrário, se o herdeiro do patrimônio simbólico de um país, de uma comunidade, de uma instituição, desenvolver uma postura de proprietário, a pertinência a herança do patrimônio de pensamento, será fragilizada. Teríamos aqui um pertencer fechado, enclausurado, em que o medo do outro vai caracterizar a impossibilidade do movimento de transformação que assegura a verdadeira filiação no tempo. Portanto, a impossibilidade de filiação surgida devido a ausência de um mediador, de uma posição terceira (*tiers*) conciliadora, será aquela onde um “real” penoso e uma realidade “estranheira” podem se combinar. Nesses casos, o sentimento de perseguição fantasmagórica tende a se tornar crônico, guiado por ódio sem fim. As leis e as regras serão a partir daí, sempre objeto de constrangimento e de sofrimento.

No trabalho clínico com exilados em sofrimento, observamos por vezes uma relação com a lei de uma rigidez mórbida, sinal geralmente de defesa contra um mundo interno em desordem, contra um “exterior de si mesmo” fragmentado. Quando fixados nas impossibilidades de filiação, os caminhos buscados vão da neurose a psicose, onde por vezes a negação da lei pode se exprimir através da delinquência, distúrbios de comportamento ou pela forclusão (mecanismo próprio da psicose segundo Lacan), registram o sopro da morte em vida. Portanto, esse quadro de nuances variadas de sofrimento desta categoria de exilados não somente interpela nossa competência profissional, mas, sobretudo, nosso olhar sobre um cotidiano que nos habita e que nos cerca diferentemente.

## Conclusão

“Nascer é viajar, porque é se inscrever em uma filiação. Entretanto, viver é igualmente viajar através de múltiplas filiações: filiação familiar, cultural, institucional.”<sup>12</sup> A viagem empreendida pelos exilados pode se tornar traumatizante ou vitoriosa e florescente. O enredo em muito dependerá da ligação ou da dependência provisória a uma posição terceira (*tiers*). Uma posição terceira que terá a função do “nome-do-pai” segundo Lacan, ou será o espaço potencial (intermediário) segundo Winnicott; uma posição terceira que não deverá jamais ser tirânica nem perversa, mutilando, embaraçando ou atravancando os caminhos das novas filiações do exilado. Entretanto, uma posição terceira que possa via a ter um papel conciliador ao lado do exilado nas suas primeiras etapas de chegada, nos seus momentos de crise. Enfim, uma posição terceira presente também nos períodos de fim de crise, com a sensibilidade daquele que pode verdadeiramente entender o sofrimento do outro. Barus-Michel sublinhando a importância da existência de uma posição terceira disse: “ existe um *tiers* que concilia e outro que separa, sem dúvida, um é tão importante quanto o outro, pois ambos mostram que a diferença é também indispensável em termos de singularidade, de complementaridade e de diversidade; que a diferença é também portadoras de divisão, de ameaça e de destruição”(…). A posição terceira ou o *tier*, entretanto deve ser também “aquele que não é o mestre das palavras, mas aquele que fala tanto, quanto sabe escutar”<sup>13</sup>.

Com essas últimas palavras, terminamos a exposição das nossas idéias, agradecendo não somente aos profissionais que se ocupam na França dessa camada social, mas também, a todas as associações francesas preocupadas com a inserção social dos estrangeiros em sofrimento. A Jacqueline Barus-Michel agradecemos duplamente: em primeiro lugar por ter colocado em evidência a natureza desses vínculos, ferramentas que nos ajudaram a melhor compreender as dificuldades que experimentam os “exilados por escolha” nos seus processos de filiação; e em segundo lugar, agradecemos em nome

---

<sup>12</sup> HUBER, Gérard, (1995) : *L'approche méta psychologique de la filiation*, in: *Vérité scientifique, vérité psychique et droit de la filiation*, Dir. Lucette Khaïat, Ed . Érès, Paris

<sup>13</sup> BARUS-MICHEL Jacqueline, *ibidem* 54-55

de todos que puderam contar com seu apoio enquanto um *tier* conciliador nos momentos de crise.

## REFERÊNCIAS

- AULAGNIER, Piera. *Un Interprète en Quête de Sens*, Paris: Ed. Ramsay, 1986)
- AULAGNIER, Piera. *Os Destinos do Prazer*, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1985.
- BARUS-MICHEL, Jacqueline. *Le politique entre les pulsions et la loi*, Paris: Ed. Érès, 2007
- BARUS-MICHEL, Jacqueline. *Le Sujet Social – Etudes de Psychologie Sociale Clinique*, Ed. Dunod. 1987
- ENRIQUEZ, Eugène. “O judeu como figura paradigmática”. In *O Estrangeiro*, KOLTAI, Caterina (org.), São Paulo: Ed. Escuta, 1998.
- \_\_\_\_\_. « Individu création et histoire » in Perspectives Psychanalytiques sur les conduites sociales – *Revu Connexions*, n. 44, Paris: Ed. EPI, 1994.
- \_\_\_\_\_. *La Formation psychosocial dans les organisations*, Paris: Ed. PUF, 1971
- FREUD, Sigmund. *Essais de Psychanalyse*, Paris: Ed. Petite Bibliothèque Payot, 1981.
- GRANOFF, Wladimir. *Filiations. L’avenir du complexe d’Œdipe*, Paris: Ed. Gallimard, coll. « Tel ». 2001.
- JUILLERAT, Bernerd. *oedipe chasseur* - Paris: Ed. PUF, 1991.
- HUBER, Gérard. «L’approche méta psychologique de la filiation », in : *Vérité scientifique, vérité psychique et droit de la filiation*, Dir. Lucette Khaïat, Paris: Ed. Érès, 1995.
- MIJOLLA, Alain. *Les Visiteurs du Moi*, Paris: Les Belles Lettres, 3ª edição, 2003.
- KAËS, René. *Filiation et Afiliations* in *Le Divan familial*, n. 5, Paris: Ed.Press, 2000.
- KAËS, René(2004) : *O Intermediário na Abordagem Psicanalítica da Cultura* in *Revista Psicologia USP*, v.14, n. 3, Ed. Psicologia, USP.
- TOURN, Lia. *Chemin d’exil*, Paris: Ed. Campagne première question, 2003.

## RÉSUMÉ

L'exil conceptualisé ici est celui qui, étranger aux raisons politiques, économiques et ethniques, induit d'abord une reconstruction identitaire, dans la souffrance et dans le défi, guidée par l'idéalisation de l'inconnu. La quête d'un ailleurs est submergée, dans un deuxième temps, par des émotions contradictoires parfois persécutives et agressives. Peut alors apparaître une faiblesse du processus d'identification secondaire du sujet (identification au projet du Je) où la notion de la temporalité sera également perturbée. La conceptualisation de Jacqueline Barus-Michel sur les trois formes de liens : nécessité, sentiment et contrainte, aide à mettre en évidence paradoxes et complexité dans la formation du processus de filiation et d'affiliation des exilés. Le travail s'achève en soulignant l'importance de la présence d'un « tiers » qui sépare et concilie les effets de trauma et de crise et puisse faciliter l'identification de l'exilé avec le cadre culturel, idéologique et affectif du pays d'accueil. Etat final qui ravive un projet de vie (le projet du Je) et va ainsi assurer une appartenance avec « pertinence » à un lieu et à une collectivité.

**MOTS-CLES:** Exilé. Identification secondaire. Liens affectifs-sociaux. Filiation. Affiliation.

## RESUMO

O exílio escolhido aparece como aquele que, distante de razões políticas, econômicas e étnicas, marca uma reconstrução identitária, no sofrimento e no desafio, guiada pela idealização do desconhecido. A busca de um exterior é preenchida, porém, em um segundo momento, por emoções contraditórias, por vezes persecutórias e agressivas. A partir daí poderá existir um abalo nos processos de identificação secundária do sujeito (identificação ao projeto do EU) onde a noção de temporalidade será igualmente perturbada. A conceitualização de Jacqueline Barus-Michel sobre três formas de vínculos: necessidade, sentimento e constrangimento, ajuda a colocar em evidência os paradoxos e a complexidade na formação do processo de filiação e afiliação dos exilados. O trabalho é concluído, assinalando a importância da presença de uma "posição terceira", que separe e concilie os efeitos de traumas e crises, e facilite a identificação com o quadro cultural, ideológico e afetivo do país de exílio. Estado derradeiro, enfim, que reativa um "projeto de vida" e pode garantir o pertencer com "pertinência" a um lugar.

**PALAVRAS CHAVES:** Exílio. Identificação secundária. Vínculos afetivos-sociais, Filiação. Afiliação. "Posição terceira" - *le tiers*.



## ABSTRACT

Far from political, economic or ethnical reasons a “*chosen exile*” is deemed to be one’s identity’s construction based on affliction and challenges guided by an idealization of the unknown. The search for an exterior is filled in, but only in a second moment because of contradictory emotions which are sometimes of an aggressive and persecutory nature. These circumstances might affect not only the subject’s secondary “identification” process (identification to the “ego” project) but also the notion of time. The Jacqueline Barus-Michel’s conceptualisation of three forms of bonds – necessity, feeling and embarrassment – helps to demonstrate the paradox and the complexity in the exile’s process of “filiation” and “afiliation”. To conclude, the author tends to demonstrate the relevance of a “third party” “*tiers*” which could separate and cociliate the effect of trauma and crisis, and which should facilitate the identification with the culture, the ideology and the affection of the exile’s Estate. This last condition reactivates a project of life and can guarantee the belonging with relevance to a space.

**KEYWORDS:** Affective Exile. Secondary Identification. Social-affective Bonds. Filiation, Afiliation, “third party” – *le tiers*.

